

**GRUPO  
DIVULGAÇÃO**

UFJF FUNALFA  
apresenta

de  
**SHAKESPEARE**

**MERCADOR  
DE  
VENEZA**



**FORUM DA CULTURA  
QUARTA A DOMINGO  
OUTUBRO-NOVEMBRO  
21 HORAS**

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**  
apresenta



**O MERCADOR DE VENEZA**

*de William Shakespeare*

Versão livre de  
José Luiz Ribeiro

Auspícios da UFJF - FUNALFA  
1988

## SHAKESPEARE HOJE E SEMPRE

*Maria Lúcia Rocha Ribeiro*

Se o homem é um fantoche, cujo destino brinca nas mãos de um deus caprichoso, como se registra nos manuais sob a forma da citação shakespeariana, o palco é o espaço onde esse destino mimado se realiza na carne dos atores. E a peça de Shakespeare é, ela também, uma estrutura modelar onde as relações humanas se expõem na cruenta tarefa de moldar uma sociedade que imita a ficção, não fosse esta gerada no próprio coração da cidade humana.

E o teatro de Shakespeare ultrapassa a barreira do tempo, do gênero, do espaço, para se fazer um diagnóstico de todas as realidades em que o homem toca, ou que constrói no sonho sempre da justiça. Há nelas, sobretudo, uma ousada radiografia da ambição, do poder e da eterna disputa que caracteriza as mais diferentes fases por que vem passando a humanidade — antes e depois dele. Por isto sua obra é tão fundamental quanto a Bíblia. Porque suporta as mais diversas leituras, já que o que a sustenta é a queda das máscaras culturais com que se tenta domar ou justificar os gestos de opressão e desacato ao humano.

Mesmo sendo um dramaturgo **comportado** — se comparado ao perfil de alguns de seus precursores, contemporâneos ou seguidores elizabetanos — a coerência de transgressão em suas peças é tão funda e especial que não se poderia dizer com clareza quem foi seu seguidor. Com ele se rompem as fronteiras dos gêneros — comédia e tragédia convivem, naquela utopia de paz por que a sociedade luta e, por isto mesmo, quebra a promessa da paz. Precursor do romantismo e um autor que se fundamenta no humanismo renascentista, ele conjuga procedimentos do teatro medieval, como o comportamento farsesco, o gosto pelas aparições fantasmagóricas, a cena simultânea, encoberta apenas pela cortina.

Precursor do folhetim e dos teledramas, seus enredos são melodramáticos, desprovidos de maiores complexidades, prenhes de um sensacionalismo capaz de figurar em qualquer jornal popular — aqueles de quem se diz que, se espremer, sai sangue. Compôs a várias mãos, como os autores atuais das novelas de televisão. Vendeu suas obras a encenadores, como qualquer sambista de morro, e com isto causou um caso crítico que vem sustentando os estudos especializados ao longo de tantos anos. É que em seu tempo (como no nosso) as companhias adaptavam as obras a seus

elencos, ao gosto e à expectativa do público e a peça, uma vez entregue ao encenador, rompia o cordão umbelical com o autor. E quem seria ele para condenar tal gesto se, ele também, colhia nas histórias populares, nos boatos ou em obras de outros autores, a trama encomendada sobre a qual seu gênio lapidaria obras-primas para sempre? Afinal, não escreveu ele, também, peças especialmente traçadas para sua companhia, prevendo os atores que responderiam pelos papéis, como qualquer diretor de um grupo teatral amador?

Está na raiz a solidez do teatro shakespeariano. Foi um teatro construído cuidadosamente para captar o espírito humano próximo — o seu espectador que, no final das contas, era sobretudo espectador e, como tal, membro exigente desta alma coletiva que dá sentido ao exercício do teatro. E quando se coloca no centro da preocupação o homem concreto, e se tem o talento do gênio para não vestir o traje mal talhado da pretensão, a ousadia é consequência natural. E assim, ousando sem planejamento prévio, sem manifestos ou declarações de rupturas, Shakespeare se revela, talvez o mais renovador de todos os dramaturgos. Faz-se contemporâneo na própria forma de reinventar o já inventado, como, aliás, fizeram, antes dele, os gregos.

A goma, a pompa com que se cerca sua obra — e com isto se afasta o povo de seu contato natural — é a obra dos parasitas que vieram depois, para tingir com as tintas do subterfúgio uma relação simples, direta, porque visceral e consciente, com as camadas populares. Como se a densidade poética, presente e qualidade fundamental de seu teatro não fosse o sangue que mantém de pé uma humanidade massacrada e ameaçada por todas as frentes. Por isto as escolas de língua inglesa montam Shakespeare regularmente. Por isto os grandes atores internacionais precisam passar pela prova de um Shakespeare. Porque precisam se contaminar com este conteúdo popular e poético que emana de suas peças.

Montar uma peça de William Shakespeare é um compromisso de respeito para com o espectador não comprometido com o rótulo pomposo e vazio de intelectualidade. É uma exigência da formação daquele que busca um engrandecimento intelectual e tem coragem de romper as paredes da torre de marfim em que enclausuraram o próprio Shakespeare, para evitar que seu grito continuasse a alertar os homens sobre seus desacertos. E **O mercador de Veneza** é um bom exemplo disto, porque não poupa ninguém da culpa do preconceito, servindo-se, principalmente da farsa irônica. É uma peça tão ousada em sua construção que os críticos não

conseguem rotulá-la. Escapa à comédia, por não trazer o riso fácil, não se alicerçar na simplificação dos tipos humorísticos. Não se enquadra na tragédia, já que o absurdo da metáfora concretizada na exigência da carne do cristão, escapa gesto grandioso e seus "heróis" se desfazem no pó, uma vez revelada a trama que lhes revela a alma. Não se mantém como drama, uma vez que suas personagens não desenham a problematidade necessária ao desenvolvimento ordenado de apresentação, exposição do conflito e conclusão, desfecho e solução do conflito.

É Shakespeare, portanto é comédia, tragédia e drama. Ou mais que isto. É um teatro de um tempo de síntese e indefinições formais. Um teatro de denúncia da prepotência, do desvario com que se busca cada vez mais bens, enfim, da ética estreita com que se julga os antagonistas ideológicos. Como trama, poderia se prestar à novela das seis: tem encontros amorosos que dão certo, vilões que se enfrentam, um tribunal de sentença duvidosa, mas que privilegia o que se enquadra nos padrões vigentes e nenhuma morte. Como estudo da sociedade e das relações entre os segmentos sociais, serviria a qualquer amostragem sociológica, ou mesmo a uma exemplificação histórica. Como diagnóstico ético, caberia em estudos filosóficos e, sem dúvida, se prestaria a um bom estudo psicológico do preconceito além de um tratado político sobre o mercantilismo, como suporte do sistema capitalista. E tudo isto antes da Revolução Industrial, antes de Hitler e, principalmente, depois deles.



*"O mal que os homens fazem aos  
homens sobrevive; o bem, quase  
sempre, com seus ossos é enterra-  
do"*

**Júlio Cesar**  
Shakespeare

*"Assim que nós nascemos, chora-  
mos para nos vermos neste imenso  
palco de loucos ..."*

**Rei Lear**  
Shakespeare

## NOS TEMPOS DE ELIZABETH

*Nilma Raquel*

As glórias conquistadas por um povo são fator determinante no florescimento de suas manifestações culturais. O teatro inglês dos séculos XVI e XVII é um dos grandes exemplos disto.

Com a vitória inglesa sobre a armada espanhola, com a colonização da América, além da afirmação do anglicanismo, com Henrique VIII, os dramaturgos ingleses tinham histórias de sobra para contar e romperam de vez com a Idade Média.

Influenciados pelo Humanismo, os "University Wits", que eram estudantes eruditos de Londres, se propuseram a escrever para teatros populares. Surge, então, **A Tragédia Espanhola**, escrita em 1586 por **Thomas Kyd**, um dos precursores do Teatro Elizabetano ou Isabelino. Kyd, junto ao poeta Robert Greene vai fundir os dois elementos básicos em toda a dramaturgia elizabetana: drama e poesia.

Dessa união participa também **Christopher Marlowe**, que traz em suas obras pontos fundamentais que irão influenciar a dramaturgia shakespereana. Suas peças de caráter histórico, como **Eduardo II**, irão encontrar ressonância no **Ricardo II**, de Shakespeare. Marlowe ainda escreveu **The tragical history of doctor Faustus**, considerada a versão mais notável da lenda de Fausto até à de Goethe. De espírito libertino foi, juntamente com Kyd, acusado de ateu e acabou assassinado, provavelmente durante uma orgia.

Não só Marlowe e Kyd trabalharam juntos. Dois outros dramaturgos que não podem ser desvinculados são **John Fletcher** e **Francis Beaumont**, que muito se influenciaram por peças espanholas. Foram primazes na comédia, especialmente as pastoris. Segundo os críticos chegaram a superar as de Shakespeare.

E em meio a tantos autores muitos ficaram obscurecidos por seus contemporâneos. Um deles é **George Chapman**, que é muito respeitado hoje em dia, sobretudo por sua tradução de Homero para o inglês, que é considerada brilhante.

Não há como separar o trabalho dos autores elizabetanos da obra de Shakespeare, que sempre foi tido como ponto de referência para a dramaturgia da época. E, se Shakespeare foi o herdeiro de Marlowe, **Ben Jonson** é considerado o herdeiro de Shakespeare. Ele também escreveu.

tragédias históricas, como **Catilina**, mas sua obra se fundamenta especialmente na sátira dramática e na comédia de costumes, onde colocava um humor mordaz. O seu texto **Volpone ou a Raposa**, de 1606, é considerado a maior comédia de caracteres do teatro inglês. E por este espírito crítico Jonson foi preso e acusado de perdulário.

Também comparados a Shakespeare, **Thomas Dekker** e **John Webster** foram notáveis em sua época. Dekker é chamado de "Shakespeare em prosa". Escreveu sozinho, mas também colaborou com vários teatrólogos. Suas obras enfocavam os pequenos marginais e a burguesia de Londres, como em **A meretriz honesta**, de 1604. Webster é visto como o segundo maior autor da época, depois de Shakespeare, logicamente. E, como ele, Webster também usava a vida como objeto principal de suas obras. Suas peças retratavam crimes hediondos da Renascença Italiana.

Aliás, a Itália, por ser o berço das navegações mercantis e da burguesia comercial, era muito focalizada pelos autores da época. Isto pode ser notado também em Shakespeare. E este procedimento revoltava o sentimento de patriotismo de alguns. **John Lily** foi um dos críticos mais fortes dessa obsessão pela Itália. Ele é considerado um dos precursores do teatro elizabetano e o criador do "eufuismo, uma maneira rebuscada de escrever que caracteriza as obras elizabetanas.

Mas, e enquanto espaço e espetáculo, como era o teatro da era de Elizabeth?

O fazer teatral que antecedeu ao elizabetano foi o feito nos mercados, que possuíam um espaço livre rodeado por galerias de vários andares, de onde as pessoas assistiam aos espetáculos. Então, ao oficializar o espaço teatral, procurou-se manter esta disposição.

De forma circular, sem cobertura, com um tablado que avançava para o círculo livre que ficava no meio das galerias, os teatros mantinham, assim, uma certa hierarquia. Nas galerias, sentados em bancos, ficavam as pessoas mais nobres. Embaixo, de pé, ficavam os de menor poder aquisitivo. E, por vezes, alguns nobres sentavam-se em poltronas, imediatamente à frente do palco.

Palco este que, para trás do tablado, era dividido em dois andares. No segundo andar ficava o balcão (como o de Julieta). E esta divisão não era aleatória. Para o estrado eram reservados as cenas de rua, para o fundo do palco e balcão as cenas mais íntimas e interiores. De ambos os lados ficavam os camarins, podendo-se, dali, chegar até debaixo do estrado, onde eram guardados os materiais de cena e de onde se saía nos alça-

pões, que eram muito usados nas peças.

O espetáculo tinha vez, diariamente, às duas da tarde, exceto aos domingos. Meia hora antes, o arauto anunciava o espetáculo do alto das torres do teatro, hasteando uma bandeira que ficava durante todo o tempo da representação.

As peças tinham uma estrutura diferente das de hoje, quando o que prevalece é o ritmo ágil, quase frenético para tudo. O curso do espetáculo podia ser interrompido por uma longa música, procissões, cenas de batalha. O cenário era simbólico e sua indicação era feita verbalmente, quando um figurante entrava e informava ao público onde se passava a ação. Os cenários só eram elaborados na câmara, ou seja na parte interior. No estrado tudo era muito reduzido. E a lei que vigorava é aquela que é obedecida até hoje no teatro: "O máximo de efeito com o mínimo de equipamento".

Uma maior disparidade podia ser notada nos trajes. Não havia necessidade de verdade histórica. Onde quer que se passasse a cena o referencial de vestimenta era sempre o do cotidiano londrino, a não ser nos pequenos detalhes, como um turbante para um turco, por exemplo. Além disso, por serem os atores os próprios responsáveis por seus trajes, não era difícil encontrar um jovem ator vestido de trapos herdados de um ator já morto, enquanto outro vestia-se garbosamente por ser protegido de um lord.

Essa proteção era fundamental para qualquer companhia. Não só pela ajuda financeira que recebiam, como também pela segurança que representava. Isso, porque era comum um ou outro espectador mais entusiasmado querer tomar partido de uma figura da peça, levando isso até às últimas conseqüências: arrancar o florete da bainha e investir contra o ator que antagonizava seu personagem predileto.

A participação do público era constante: pela imaginação que tinham que ter, transformando cinco atores numa multidão e pelas suas intervenções. Jogavam nozes, maçãs, quando algo não os agradava. O ator tinha que ser um herói, sujeitando-se às variações de humor do temperamental espectador elizabetano, quando o que imperava era o trinômio "ódio, desejo e violência".

Talvez estas três palavras é que tenham levado os autores da época à vida conturbada que tiveram, em sua maioria. Alguns morreram assassinados, outros foram presos durante suas vidas. Shakespeare se destacava neste meio pela vida pacata e comportada que levava, obedecendo sem-

pre à crença e ao comportamento convencionais. Daí, talvez, ser o preferido do reino. Nesse jogo perigoso de preferências, Shakespeare consegue sobreviver, a ponto de sua companhia ser privilegiada na coroação de Jaime I.

É importante ressaltar que há uma carência muito grande de dados sobre os autores elizabetanos, mesmo sobre o próprio Shakespeare. Isso porque suas obras, na época, não eram vistas sob o ponto de vista literário e sim como meros "scripts" para os atores. Entretanto, um fato, que pode ser notado, é que a maioria dos autores veio do interior para Londres, onde morrem, sendo Shakespeare, talvez, o único que abandona o furor da vida da corte, em Londres, para voltar a viver em sua terra natal, sem abandonar, porém, sua arte e sua genialidade, que marcaram tão definitivamente a dramaturgia da época elizabetana.



## BIOGRAFIA DE UM POPULAR - WILLIAM SHAKESPEARE

por José Márcio de Souza

Pouco se sabe a respeito da vida do maior e mais lido poeta inglês, mesmo hoje, quase 450 anos após o seu nascimento. Há registros de que ele tenha nascido aos 26 de abril de 1564. Seu pai era John Shakespeare, então um próspero chefe de uma corporação de ofício na qual se fabricavam luvas. Sua mãe, Mary Arden, era filha de um proprietário de terras na região de Stratford-on-Avon e, quando morreu, deixou uma herança que serviu para que prosperassem os negócios dos Shakespeare. Na época do nascimento de William Shakespeare, o terceiro filho dos oito da família, seu pai já possuía outra loja em Stratford, desta vez, ligada ao comércio de lã.

Muitas são as suposições dos historiadores que estudaram a vida do poeta a respeito de sua infância. Apesar da boa posição econômica de seu pai, ele teve que, ainda jovem, trabalhar e, apesar dos indícios de que ele tenha trabalhado com o pai, alguns afirmam que ele teria sido açogueiro especializado em esquartejamento. É certo que frequentou a escola, pois, segundo escreveu Ben Johnson, seu contemporâneo, ele tinha alguns conhecimentos de latim e grego que eram disciplinas obrigatórias naquela época.

Já na adolescência, então com dezoito anos, ele se casa com Ann Hataway, oito anos mais velha do que ele e já grávida de sua primeira filha, Suzanna. O curioso é que se casam primeiro no civil e somente cinco meses depois se casam na paróquia local. Isto foi devido a uma herança que o pai da noiva deixara para que lhe fosse entregue no dia do casamento religioso, mas isto não aconteceu antes, porque a dogmática igreja medieval não consentia o casamento de mulheres grávidas.

O declínio dos negócios do pai coincidem com a ida de Shakespeare para Londres, que deixou Stratford sozinho e em condições até hoje incertas. A hipótese mais provável é que ele tenha ido para escapar da punição que lhe seria imposta por Sir Thomas Lucy, um rico senhor de terras da região, por ter caçado um veado em suas terras sem a devida autorização. O motivo não criminal de sua saída seria o que muitos historiadores acreditam, que ele teria ido para Londres com uma companhia de atores que passava pela cidade.

Esta nova fase na vida do dramaturgo é a mais obscura da sua biografia. Desde a sua saída de Stratford, durante oito anos, não há provas concretas da vida que ele levou em Londres. Especula-se que tenha sido professor nos arredores de Londres e que tenha servido ao exército regu-

lar de sua Majestade. A mais divulgada das ocupações que ele teria tido é a de guardador de cavalos na porta do teatro, que foi seu primeiro emprego na área, e de onde ele começou, até passar pelas funções de ator da companhia e, finalmente, chegar a ser o dramaturgo contratado e o mais famoso de sua época.

Antes de ser dramaturgo, Shakespeare era, antes de tudo, um poeta e foi justamente através da poesia que ele começou a se tornar conhecido no meio cultural londrino. Diz-se que com a publicação de seus dois primeiros poemas, **Vênus e Adonis** e **Lucrecia** ele teria conseguido o seu primeiro mecenas. Encantado com a dedicatória que o poeta lhe fizera na abertura dos poemas, Lord Southampton teria lhe dado mil libras com as quais ele teria viajado pela Itália, Dinamarca e Alemanha, durante os anos da peste em Londres e que os teatros teriam ficado fechados.

Já como ator e dramaturgo contratado da companhia de Lord Chamberlain, Shakespeare torna-se conhecido do público e começa a despertar ciúmes nos intelectuais londrinos, que encaravam, como uma afronta, que o dramaturgo contratado da companhia real não fosse um universitário. Mas as suas obras eram feitas a partir de contos populares que ele adaptava e encenava justamente para o público que as criou, uma fórmula que fazia sucesso e que funcionou durante quinze anos apesar das críticas. Além do sucesso popular seu trabalho atingiu também a realeza inglesa que fez com que sua companhia fosse a predileta da rainha Elizabeth I e de toda a corte.

Com sua situação financeira estável e no auge de sua carreira, aos 45 anos, Shakespeare se aposenta e retorna a Stratford. Seu retorno se dá quase que como um retiro, pois durante os anos em que trabalhou em Londres ia anualmente a sua cidade natal com o intuito de saldar as dívidas do pai e adquirir para a sua família bens imóveis. Ele se realizou economicamente não só com o mecenato dos Lords, mas também como empresário teatral. É comprovado que ele era acionista de, pelo menos, dois teatros em Londres: o Globe e o Blackfriars.

Isolado da vida cultural londrina, ele escreve suas duas últimas peças, **A tempestade** e **Henrique VIII**, na sua propriedade rural em Stratford. Um mês após fazer o seu testamento e no mesmo dia em que nasceu, Shakespeare morre de causa ignorada. Apesar de sua morte, suas obras persistem atuais até aos dias de hoje, ao contrário das dos intelectuais de sua época que quase não sabemos quem foram.



## A OBRA DE UM AUTOR DE SEMPRE

Arlete Heringer

Atravessando quatro séculos, as obras de William Shakespeare vão conquistando milhões de leitores e espectadores em todo o mundo. Desde a Era Elizabetana até os nossos dias, suas obras mantêm uma crescente atração, à medida em que são sempre atuais diante do pensamento de cada época, o que nos mostra quão grandiosa era a capacidade de captar os conflitos humanos. Um autor que, emprestando toda a sua genialidade através de seus versos, oferece elementos para que nos percamos na imaginação, no sonho, na fantasia ...

Mesmo sendo considerado um autor sem grande facilidade e rapidez de criação como seus contemporâneos, e mesmo tendo sido seus trabalhos vítimas de uma série de incêndios, o que fez com que vários documentos se perdessem, Shakespeare deixou-nos grandes obras: a sua real biografia. Quem sabe, até, em etapas, elas não espelhem as fases da evolução espiritual do respeitável dramaturgo? No entanto, não podemos afirmar que sejam retratos da sua ideologia, pois ele nunca fala em seu próprio nome; o que diz, em suas peças, são só os sentimentos e idéias de seus personagens. Talvez o misterioso William Shakespeare seja o conjunto de todos eles, já que foi chamado o "homem das dez mil almas".

Por não ser o gênero das peças teatrais considerado parte da literatura naquela época, não podemos afirmar uma cronologia exata das obras, mas podemos estabelecer uma, aproximadamente, correta. Entre 1590 e 1594, escreveu o dramalhão sangrento **Tito Andrônico**; as três partes da peça histórica **Henrique VI**; como continuação desta trilogia, **Ricardo III**; A comédia dos erros; a farsa **A megera domada**; **Os dois cavaleiros de Verona**, comédia e **O esforço do amor perdido**. A fase entre 1595 e 1597, é a das obras da mocidade: **Romeu e Julieta**, a tragédia do amor (uma de suas peças mais populares); a tragédia histórico-política, **Ricardo II**; a comédia **Sonho de uma noite de verão**; o drama histórico-patriótico, **Rei João**; e a grande comédia **O mercador de Veneza**. No período de 1597 a 1600, continua, com maior maturidade, a fase anterior. Escreve as duas partes de **Henrique IV**; a farsa, **As alegres comadres de Windsor**; as comédias, **Muito barulho por nada**; **A noite dos reis**; **Como gostais** e a primeira das tragédias romanas, **Júlio César**. De 1601 a 1608, é a fase das grandes tragédias e das peças chamadas "problemáticas":

## O MERCADOR DE VENEZA

José Luiz Ribeiro

Falar em Shakespeare é falar de um autor que efetivou, em profundidade, um amplo estudo da dimensão do homem frente ao seu tempo. Sua dramaturgia é um universo feérico de paixões, onde o ser humano se debate mascarado de personagem.

A torpeza de Iago, em *Otelo*, a angústia de Hamlet, a fragilidade de Ofélia, o cinismo de Ricardo III, a obstinação da Lady Macbeth, a cumplicidade da Ama, em *Romeu e Julieta*, são nuances que retratam o ser humano de forma rica e enternecedora.

Cada obra de Shakespeare se afigura como um tesouro que brilha na profundidade dos tempos. A cada nova encenação são oferecidas novas possibilidades de releituras, conceituações e aproximações. Assim, podemos ter um largo espectro que vai do estudo de Hamlet, à luz da psicanálise, a estudos das razões do amor e do crime.

Muito se tem dito e se dirá destes personagens que contam a história do ser humano. São homens e mulheres possuidores de grandezas e torpezas. Colocados diante de situações limites, eles reagem como camaleões que mudam de cor ao sabor do destino. São reações diversas que mostram da fuga, através da loucura, da ironia ou do riso, à furia assassina que destrói o antagonista e busca a libertação.

O mercador de Veneza é uma destas ricas fatias que nos é oferecida, para que o teatro possa mostrar ao homem aquilo que não lhe é dado perceber no cotidiano. Se cada época tem um personagem ou texto shakesperiano que a represente, acho que o relativismo deste mercador é a pedra de toque do mundo contemporâneo. O universo de poder, centrado em Veneza, no clima efervescente do mercantilismo, é o pano de fundo para a luta travada entre o mundo cristão, personificado por Antônio, e o mundo judaico, representado por Shylock.

Ao tecer a trama onde, diga-se de passagem, não existem heróis e sim anti-heróis, o texto mostra as relações de poder originadas do lucro. O poder econômico, personificado por Pórcia, rege, como os antigos deuses, o destino dos homens, envolve a justiça e inverte as leis ao sabor do preconceito. Apresentada como comédia, a peça mostra, através do riso, um painel de julgamento da justiça, dos homens e das relações de poder que delimitam os procedimentos sociais.

Eugênio Gomes em seu *Shakespeare no Brasil* registra indicações da representação de Shylock ou *A terrível vingança de um Judeu*, por João Caetano, no ano de 1838. Neste século não temos informações de

Hamlet; Tróido e Cressida; Tudo está bem quando acaba bem; Otelo, a tragédia do ciúme; Rei Lear, uma tragédia de desenfreada dimensão; Macbeth, a mais trágica de todas; as peças romanas, Coriolano e Antônio & Cleópatra; e Tímon de Atenas, a tragédia da bondade desiludida. A última fase, de 1608 a 1613, prefere temas poéticos; Pércles (escrito em colaboração com outro dramaturgo); Conto do Inverno; A tempestade, a nobre despedida de Shakespeare, talvez a mais poética de suas obras; e Henrique VIII (escrita em colaboração com Fletcher).

Existe, sobre estas peças, uma imensa bibliografia. São obras e obras analisando todo o trabalho de Shakespeare: análises psicológicas, filosóficas, trágicas, romanceadas ... Tais como: *Shakespeare's England* (1916), *Shakespeare's Life and Art* (1938), *Shakespeare His World and His Work* (1953), entre outros. A mais marcante é *Shakespeare Tragedy* (1904), de A. C. Bradley, uma das poucas obras verdadeiramente clássicas de crítica do grande autor. Em 1623, foi publicado o grande Fólho que inicia a série de criações de Shakespeare com *A Tempestade*, por ser a mais indicada para nos transportar ao universo imaginoso do autor. Em 1632, surgiu o segundo Fólho. Mesmo assim, por não terem sido preservados os manuscritos originais, será quase que impossível estabelecer um texto definitivo; a vida e a obra de William Shakespeare são uma conquista eterna.

Uma característica das obras de Shakespeare é que elas são os acontecimentos simples, fatos comuns, e casos contados nas ruas. Seus personagens são a descrição de seus contemporâneos. São semelhantes ao mundo ou à vida. Outra, é a presença da moral apenas como acessório, aparecendo naturalmente. Em suas tragédias e comédias, deu, também, grande espaço aos espíritos, feiticeiros, fantasmas, criaturas sobrenaturais que eram muito reais para a maior parte dos elizabetanos (o que não quer dizer que o autor também acreditasse neles). Seus fantasmas tinham sempre uma importância, uma função, um sentido dramático. Como é o caso do fantasma do pai de Hamlet que é útil à ação, já que desperta no espírito de seu filho o desejo de vingança.

Perto de sua morte, suas obras, ao invés de serem peças principalmente próprias para a representação, tornavam-se literatura. Dignos da estante e do palco. É quando Shakespeare contagia, de vez, os amantes do teatro e entra, definitivamente, para a literatura universal. Suas criações ultrapassam as convenções literárias do momento, o que lhes assegura a imortalidade.

encenações, em língua portuguesa, deste texto. Assim, a versão que hora é dada ao público é uma volta a um tema que apresenta uma grande atualidade.

Há cento e cinquenta anos Shylock não vive seu drama para que o brasileiro ria. Este é o momento de fazê-lo. É momento de se colocar, no palco, a natureza humana e seus embates junto ao poder. **O mercador de Veneza** foi criado em 1594 e Shakespeare foi influenciado por Marlowe, que havia escrito uma obra chamada **O judeu de Malta**.

A modernidade da peça está contida no procedimento anti-ético de suas personagens. Arquetipais em sua expressividade, cada persona se move dentro dos estreitos limites da conveniência. Pórcia, símbolo do poder e da glória, pois é rica, bonita e cobiçada, é tudo que se pode almejar de um mito da modernidade. Bassânio é o nobre decadente que dá, literalmente, o golpe do baú, ao descobrir a charada. Antônio é um bom cristão que possui um mal secreto que não é revelado aos amigos. Shylock, o vilão, tem razões de mercado e pessoais, para urdir a trama diabólica. Seu discurso sobre a igualdade dos homens é tão forte quanto a elegia da misericórdia, feita por Pórcia, travestida em Baltasar, em defesa de Antônio, na cena do tribunal.

O eixo de poder econômico, oscila entre os três personagens, Antônio, Shylock e Pórcia, detentores das rédeas da situação durante o avançar dos acontecimentos. O mundo renascentista, povoado por bobos, pagens e criadas dá suporte aos outros acontecimentos de forma vertiginosa. A troca de personalidades, a impostura e o logro são pontos de encontro entre a comédia e o drama. **O mercador de Veneza** pode ser abordado por diversas formas de encenação, a comédia é uma delas, mas não a única ou a mais adequada. O importante é o desenvolvimento do trabalho diante dos diversos pontos de vista.

Esta não é uma comédia de caráter, é uma comédia de maus caracteres. Ninguém é um modelo de virtude, nem mesmo Antônio, o bom mercador, que agride raivosamente seu antagonista e assina, irresponsavelmente, uma caução que não poderá resgatar. É um texto que mostra, que, diante do dinheiro, tudo é permitido.



## O PÚBLICO E O DIVULGAÇÃO

Maravilhoso. Faz com que a platéia viva cada segundo do espetáculo.

(Fábio Benini, auxiliar administrativo, São Mateus)

Através da solidão teatral desta cidade, ele consegue sobreviver e viver o teatro no município.

(Sara Trigo; estudante, Bairu)

Gosto do trabalho do grupo. Acho de extrema importância para a vida cultural da cidade.

(Luciana Rodrigues; professora, Jardim Glória)

Divulgar a arte, especialmente a experiência teatral é um dos mais nobres caminhos na estruturação e compreensão dos homens para um mundo novo. O Divulgação é isto: um caminho.

(Luiz Cláudio Dilly; estudante, Progresso)

Excelente. O grupo supera sempre meus anseios. Encontro nele harmonia, humor, crítica, realismo.

(Lúcia Ragazzi, funcionária pública, Grajaú)

Acho que o Divulgação merecia ser mais conhecido do público não-juizforano. Seu trabalho é extremamente profissional.

(Evandro Lourenço Júnior; dentista, Santa Helena)

Eu admiro muito os trabalhos do grupo. As peças são muito bem montadas, abrangendo assuntos interessantes, que fazem a gente refletir e analisar os mesmos.

(Alessandra Rezende; estudante, Centro)

O grupo é ótimo. Muito importante cultural e artisticamente para o desenvolvimento cultural dos moradores de Juiz de Fora. Só tenho a elogiar o grupo.

(Elizabeth Baesso; funcionária pública, Santa Catarina)

Um grupo que procura desenvolver a arte teatral, superando os obstáculos de uma cidade que não dá valor à arte.

(Heloisa Rezende; professora, Santa Terezinha)

É o melhor grupo teatral de Juiz de Fora, e que tem uma interpretação excelente, além do mais importante: público para admirá-los.

(Marcos Silveira; auxiliar de escritório, Bandeirantes)

Produz resultado positivo na divulgação do teatro como arte e comunicação.

(Abias Ramos; industriário, Paineiras)

É um ótimo grupo e merece todos os aplausos.

(Sílvio de Oliveira; bombeiro, Santo Antônio)

Muito bom. Assisti a quase todos os seus espetáculos. Formidáveis.

(Márcio Paiva; professor, Lima Duarte)

Acho que o grupo vem desenvolvendo um grande trabalho na cidade, o qual serviu de motivação para outros grupos que surgiram, além das boas peças que sempre apresenta.

(Adriana Bellozi; assistente social, Bairu)

Pelo que tenho acompanhado é um grupo diferente dos demais. Quando digo diferente, quero destacar a seriedade e o bom desempenho dos atores e o excelente nível das peças que são apresentadas.

(Alcione Farias; estudante, Centro)

Um grupo repleto de bons valores, que soube preencher o vazio existente no meio artístico de Juiz de Fora.

(Marcelo de Araújo; economista, Bom Pastor)

Um grupo em que a grande maioria dos atores é excelente, com desempenho profissional. Pelo nível de seu trabalho merecem muito mais apoio do que têm.

(Elisa Lourenço; estudante, Santa Helena)

## CONFISSÕES

*Alice Maria Freesz de Almeida*

As lembranças se atropelam em minha mente. Fica difícil acompanhar a linha do meu raciocínio e falar de forma clara do grupo de que há oito anos faço parte. É o Grupo Divulgação, onde trilhamos um caminho árduo, e que parece tão simples aos que nos assistem. As lembranças são muitas, os sentimentos imensos. As angústias vêm de encontro a certezas, conquistas e orgulho de um trabalho bem feito mas, principalmente, honesto. Já não me reconheço mais a mesma pessoa que chegou ao Forum da Cultura para fazer o curso do Grupo Divulgação. Aprendi muito ali dentro.

Em 1977 procurei o diretor do Grupo Divulgação em busca de uma vaga no grupo, onde tinha assistido a alguns espetáculos. Enfrentar aquele homem me foi muito difícil, mas um colega de faculdade estava me apoiando. José Luiz perguntou o meu nome e disse que eu aparecesse por lá no dia seguinte, e passei a ir. Foi horrível! Total desentrosamento. Sentia-me um estranho no ninho e precisei enfrentar de frente minha timidez, mas fui ficando, procurando estar sempre fora das vistas do diretor. Estava sendo montado um dos espetáculos mais lindos que já vi, **Pedreira das Almas**, de Jorge Andrade. Ao entrar no teatro do Forum da Cultura e vê-lo transformado em uma cidade de pedra, tive uma revolução de emoções, que me é impossível relatar.

Nas vésperas da estréia uma grande decepção, ainda difícil também, de descrever. Não poderia participar da peça, pois não existia mais o pano para a confecção do meu figurino. Não tive estrutura, e fui embora. Hoje em dia isso virou motivo de piada. Em 1980 retornei. Dessa vez, através do curso de Introdução ao Teatro oferecido todo ano à comunidade. Eu já conseguia encarar o José Luiz, pois era aluna dele. Muitas emoções me deixaram em total estado de ansiedade; afinal era minha oportunidade para tornar realidade uma das coisas que mais queria. Mas o medo do desconhecido não me deixava em paz. Fiz o curso, recebi o certificado e fugi do Divulgação; ou melhor, pensei que havia fugido, quando fui abordada, nos corredores do Curso de Comunicação, pelo Professor José Luiz que disse, da forma mais tranqüila do mundo, que me aguardava para assumir o compromisso com o grupo. Fui parar na técnica de iluminação, na época até bem executada. Mais tarde, quando

retornei para a mesma função, foi um desastre.

No segundo semestre de 1980 estreei no palco com a peça **Boca do Inferno**, de Marcus Vinícius. Foi um inferno! O medo me deu paz, meu Deus! Quanto sofrimento, mas depois, meu Deus, que alegria! Não tinha certeza de mais nada, apenas que eu queria, acima de tudo, estar ali, fazendo teatro no Divulgação. Durante os espetáculos era servido um frango assado e quando terminava, o grupo se reunia para comer um frango, que era dividido por todo o elenco, que era bem grande. E foi aí que comecei a ver, participar e compreender que nesse grupo tudo se divide, mesmo que seja pouco. Alegrias, aflições, anseios, medos, orgulhos, prêmios, solidariedade, perseverança, fé, humildade e esperança. E foi ali, que pude entender e aprender o porquê de tantos anos de existência em um mundo tão frágil, onde nem as famílias conseguem se manter unidas. As desavenças e conflitos existem, mas vamos tropeçando e levantando sempre na busca incansável de soluções para que solidifiquemos ainda mais o Grupo. É claro que temos a liderança de alguém que também erra como todo ser humano, mas que está sempre atento a nos ajudar. E eu me permito, pela primeira vez, chamar essa pessoa de Zelu. Muito obrigada. (Detesto apelido).

Encerra o ano, estou formada em jornalismo. O deslumbramento do Rio de Janeiro me invade e parto para a cidade maravilhosa. Quer saber? Maravilhosa coisa nenhuma. Em 1982 retornei. Cheguei pela tardinha e à noite já estava novamente no Divulgação. É bom lembrar que durante o tempo em que estive fora, todas as vezes que vinha a Juiz de Fora, eu estava no teatro. Retornei ao palco nos espetáculos **Como se fazia um deputado** e **A gema do ovo da ema**, este último traumático, pois me valeu um bruto tombo na platéia. Minha sorte foi estar dentro de um cachorro, assim a platéia não pôde me ver. Graças a Deus!

Nessa época o elenco já era quase que totalmente outro. Novas e grandes amizades vão surgindo. Orgulho da amizade entre eu, Valéria e Lêda, que estão afastadas do Grupo atualmente. Lacuna jamais substituída por qualquer outra pessoa. Éramos fortes juntas. Claro que sempre me perguntavam qual a pessoa mais legal do grupo e prontamente respondia EU. Era tão gostoso brincar assim naquela época ..., agora, agora as brincadeiras são outras. Novos amigos, novas convivências, mas sempre unidos pelo mesmo ideal. Um teatro popular, da melhor qualidade possível. Saudades das piadas contadas sempre pelo amigo Tadeu no camarim do teatro, durante a espera de mais um espetáculo. O camarim dividido com

a Fatinha já há tanto tempo e até hoje lutamos para ver quem consegue ocupar mais espaço para pendurar figurino. Sempre a gente chega a um acordo. E lá vamos nós trilhando esse caminho tão cheio de encruzilhadas, buscando superar cada obstáculo que surge. E ao retornar no tempo, deparo com a nostalgia e o encantamento de, ao entrar no Fórum da Cultura, me transportar para a Rússia e me encontrar na casa de Liuba, personagem de **O Jardim de Cerejeiras**, de Anton Tchekhov. Emoções que nós jamais sentiremos da mesma forma, e a cada nova montagem um novo deslumbramento.

A Vassoura da "Colcha do Gigante", personagem muito amado, e que começou a me mostrar os complicados caminhos do teatro infantil. E ao contrário do que possam pensar é muito amado por mim. A doméstica Cecília do **Dr. Getúlio sua vida, sua glória**, especialidade minha que defendo orgulhosamente. Mas de todos, o meu maior medo está concentrado nos ensaios nos quais entro em pânico a cada novo espetáculo que iniciamos. As noites mal dormidas, procurando, sem saber onde, encontrar o personagem, que nega seu endereço. Mas ter a certeza de que os atores do Grupo Divulgação, não são partículas isoladas, mas um conjunto se ajudando para um desfecho feliz para todo o grupo.

O ano de 1985 me fez muito feliz, José Luiz Ribeiro recorre a sua "dramaturgia de emergência" e escreve para o Grupo Divulgação **Girança**, e eu ganho de presente a minha única irmã, a Mercês. Continuamos trabalhando. Na hora do lanche, sempre às pressas, tudo é dividido num clima de cansaço, nervosismo, mas, acima disso tudo, dividimos nossa confiança em mais um trabalho do Grupo Divulgação. A idealização e confecção dos figurinos ficam a cargo da amiga Malu. Com ela venho aprendendo a costurar para o Divulgação, mas confesso que, às vezes, tenho vontade de sentar e não fazer mais nada. Mas quando vejo a energia inesgotável de Malu, o remorso vem forte, e eu vou à luta na confecção de mais um traje de que, depois, vamos eu e minha companheira nos orgulhar tanto.

As experiências são muitas, saudades de alguns que se afastaram, indiferença por outros, mas acima de tudo orgulho e muita esperança, esperança de um dia, quem sabe, no meu aniversário, ganhar de presente o bolo mais cobiçado do mundo. (Apesar do meu aniversário ser nas férias)



*"Os amantes não precisam de outra luz, para os ritos do amor, senão a beleza de seus corpos"*

**Romeu e Julieta**  
Shakespeare

*Isso é o que vês, teu amor fica mais forte, para amar o que logo perderás na morte.*

**Soneto 73**  
Shakespeare

## 25 ANOS DE TEATRO: UMA VIDA

Guy Schimdt

*"... Basta apenas uma girança e a clareza tão saudosa de penetrar na sala. A janela se um pouco alevantada se destranca e escancara o passado ..."*

(Girança)

... 1963, **Brasil espaço 63**, o texto inaugural, depois ... **Sinfonia de uma favela** ... o palco da Casa d'Itália em novembro distantes, os primeiros textos ... 1966, **Morte e vida severina**, o palco do Instituto Granbery, o trabalho de ator ... **O anjinho Siriri contra o foguete Muito Doido** ... **A lenda da noite** ... a criação do Forum da Cultura, o lar e tantos outros momentos que a memória não guarda, mas o coração, aos poucos, com carinho, recorda.

São mais de oitenta direções de espetáculos para o **Grupo Jovem do Contato, Divulgação, Teatro Universitário, Grupo Magister de Teatro, Fundação Clóvis Salgado e Gente de Casa**. Trabalhos realizados e mostrados em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e em diversos lugares. Mais de quarenta personagens criadas, trilhas sonoras, cenários, figurinos, máscaras e a grande paixão, a iluminação.

É pouco? Olha só o repertório: Sófocles, Gogol, Gorki, Molière, Schiller, Pirandello, Lorca, Tchekhov, Goethe, Nelson Rodrigues, França Júnior, Dürrenmatt, Ghelderode, Oswald de Andrade, Coelho Netto, Jorge Andrade, Naum Alves de Souza, Shakespeare e muitos outros autores.

No campo da dramaturgia volta-se para um trabalho comunitário e afinado com o espírito do grupo. E assim nasce **Girança**, uma investigação poética dos anos 30 e 40 que lhe valeu o Prêmio Timochenko Wehbi, de dramaturgia; **Grito Mudo**, uma homenagem a Brecht, uma meta a ser alcançada, sempre preterida pelo preço da SBAT; **Canga** o compromisso político-social seguindo passos de Brecht.

**Lição de Molière**, um texto didático, na linha da farsa, homenageando ao pai do teatro francês; **Mas que papel, seu bacharel**, uma atualização da farsa medieval; **I love you, Juju**, um roteiro alegre da história de Juiz de Fora.

No campo do teatro infanto-juvenil cria universos que evoluem: da comédia à fantasia. Reconta **D. Baratinha**, como uma opereta, cria **Guairaká**, a partir de um estudo de mitos indígenas, **Girassinho** mostra o espaço da aventura e **A noite dos duendes** mostra a relação de poder do mundo das fadas e bruxas.

No universo das traduções e adaptações trabalhou **A mandrágora**, **Esta noite se improvisa**, **O inspetor geral**, **Fausto**, **O mercador de Veneza**, **Romanceiro da Inconfidência**, **Cancioneiro de Lampeão** e **Bem do seu tamanho**.

Entre os personagens criados todos têm um lugar especial, mas na grande galeria resta a presença forte de Calígula, de Camus, do Bessemenov, de **Pequenos Burgueses**, de Abelardo, no **Rei da Vela**, Arnolfo, em **Escola de Mulheres**, o Silverinha, de **Grito Mudo** e o caçula Cara de Cão, de **Sonho Pirata** — uma volta ao mundo do teatro infantil e a redescoberta da energia do público infantil.

Mas por que uma pessoa com um "currículo" como esse ainda permanece em Juiz de Fora? Como, após 25 anos de teatro, alguém descobre o prazer de fazer teatro? A resposta é simples: amor! O amor que faz dele um **amador**, perseguindo um teatro sério e comprometido com Juiz de Fora, cidade que recebeu uma declaração de amor em **I love you, Juju**, encenada pelo Grupo Magister de Teatro.

Neste compromisso está a qualidade e a realidade. Buscando, através de bons textos, mostrar a realidade do momento vivido, mesmo que para isso tenha que enfrentar a luta contra a censura política e econômica, imposta nos mais diversos momentos. A cada entrave, uma resposta nova instigando a criatividade. Nada é proibido; os espaços, os mais diversos: palco italiano, arena, grandes pequenos, rua, mesas empilhadas, lonas na rua, caminhões, circo e até mesmo em barco — a **Barca da Cultura**, criada por Paschoal Magno, e o aprendizado de falar a linguagem popular.

Em 1985 a realização de um sonho, a Funalfa permite a instituição de um projeto, o **Teatro para todos** e tem início um novo ciclo que vai se ampliando ao longo destes anos. Os bairros são sensibilizados e ampliam a integração comunitária.

Para ele repartir o pão com salame e coca-cola, nas oficinas dos fins de semana, é como receber o sangue e o corpo de Cristo. Neste momento de união todos recebem o alimento que energiza o corpo que cria com madeira, papel, fios, panos, tintas, sons e palavras, o mundo mágico do teatro.

Assim é o homem José Luiz Ribeiro. Mas como se faz um homem? Talvez inspirado pelo sangue que circula em mim, na poesia e nos versos de Shakespeare, que tanto nos envolve, nos últimos dias, diria: Um homem se faz de sol e poesia.

O sol aquece e a poesia inspira. O sol ilumina e a poesia alça vôos. O sol irradia e a poesia ficciona. O sol queima e a poesia estiliza. A poesia desperta o sentimento e o sol o ilumina. O poema comove e o sol fortalece.

Assim é o poeta, o ator, o autor, o professor, o diretor, o cenógrafo, o iluminador, o sonoplasta, o figurinista, o pai, o filho, o marido, o amigo José Luiz Ribeiro que, há 25 anos atrás, foi queimado pela luz deste sol poético, do efêmero eterno que é o teatro.

Estava aberta a ferida resultante deste contato: a queimadura virou um estilo de vida. E assim tem sido a vida que, como o sol, ilumina, mas queima. Como a poesia inspira tantas emoções que pode tornar algo abstrato em concreto e, apesar de contraditório, tocante.



*"Podeis despojar-me de meu poder e de minhas dignidades, porém, nunca das minhas dores; delas serei sempre rei."*

**Ricardo II**  
Shakespeare

*"Mas não sejais fracos, tampouco;  
deixai que o vosso critério seja vos-  
so mestre. Ajustai o gesto à palavra,  
a palavra à ação ..."*

**Hamlet**  
Shakespeare

*"Longa é a noite  
que não vê raiar o dia!"*

**Macbeth**  
Shakespeare

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**

apresenta

**O MERCADOR DE VENEZA**

Antônio	Heber dos Santos
Salarino	Flávio Mattos
Salânio	Augusto França
Lourenço	Luiz Fernando Rocha
Bassânio	José Márcio de Souza
Graciano e Príncipe de Marrocos	Guy Schmidt
Pórcia	Renata Paiva Pessoa
Nerissa	Nilma Raquel Silva e Aleyse Gramigna
Margarida Goba e Tubal	Aleyse Gramigna e Nilma Ra- quel Silva
Criada I	Carmem Lúcia de Paula
Shylock	José Luiz
Lancelote	Alice Freesz
Jéssica	Arlete Heringer
Príncipe de Aragão e Doge de Veneza	Ângelo Morais
Criada II	Maria de Fátima Amorim
Operação de Luz	Marise Mendes
Operação de Som	Márcia Falabella
Administração	Virgínia Fonseca
Figurinos	Malu Ribeiro
Cenário, Cartaz e Direção	José Luiz Ribeiro

**Outros espetáculos:**

cancioneiro de lampião  
o urso  
bodas de sangue  
electra  
diário de um louco  
pequenos burgueses  
a visita da velha senhora  
escola de mulheres  
escurial  
romanceiro da inconfidência  
maria stuart  
a morta  
o patinho torto  
yerma  
seis personagens à procura de um autor  
as criadas  
arlequim servidor de dois amos  
calígula  
guerra mais ou menos santa  
pedreira das almas  
só o faraó tem alma  
o beijo no asfalto  
mas que papel, seu bacharel  
o estado de sítio  
boca do inferno  
a mandrágora  
o rei da vela  
como se fazia um deputado  
dr. getúlio, sua vida e sua glória  
o jardim das cerejeiras  
esta noite se improvisa  
o inspetor geral  
fausto  
girança  
a casa de bernarda alba  
grito mudo  
as aventuras do tio patinhas  
a aurora da minha vida  
canga  
o mercador de veneza

nertan macêdo  
anton tchekhov  
federico garcía lorca  
sófocles  
nicolai gogol  
máximo górkí  
friedrich dürrenmatt  
molière  
michel de ghelderode  
cecília meireles  
friedrich von schiller  
oswald de andrade  
coelho netto  
federico garcía lorca  
luigi pirandello  
jean genet  
carlo goldoni  
albert camus  
mario brasini  
jorge andrade  
silveira sampaio  
nelson rodrigues  
josé luiz ribeiro  
albert camus  
marcus vinícius  
maquiavel  
oswald de andrade  
franço júnior  
dias gomes e ferreira gullar  
anton tchekhov  
luigi pirandello  
nicolai gogol  
johann wolfgang von goethe  
josé luiz ribeiro  
federico garcía lorca  
josé luiz ribeiro  
augusto boal  
naum alves de souza  
josé luiz ribeiro  
william shakespeare

**Grupo Divulgação  
trabalhos apresentados**

**espetáculos antológicos:**  
amor em verso e canção  
o homem do século XX  
antologia da mulher

**apresentação didática:**

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto  
coral universitário  
belmiro, murilo, pedro nava  
camões  
a menina casadoira, de ionesco  
pic-nic no front, de arrabal  
sganarello, de molière  
lição de molière, de josé luiz ribeiro  
a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval  
manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

**departamento de teatro infantil:**

a onça de asas  
circo de bonecos  
estória de lenços e ventos  
nem tudo está azul no país azul  
guairaká  
o embarque de noé  
d. baratinha  
a gema do ovo da ema  
a colcha do gigante  
girassinho  
putz, a menina que buscava o sol  
a noite dos duendes  
bem do seu tamanho  
sonho pirata

walmir ayala  
oscar von pfhul  
ilo krugli  
gabriela rabelo  
josé luiz ribeiro  
maria clara machado  
josé luiz ribeiro  
sylvia orthoff  
zuleika mello  
josé luiz ribeiro  
maria helena kühner  
josé luiz ribeiro  
ana maria machado  
liliana neves